

O motorista observou estarecido a enorme pedra que atingiu em cheio o pára-brisa do outro carro

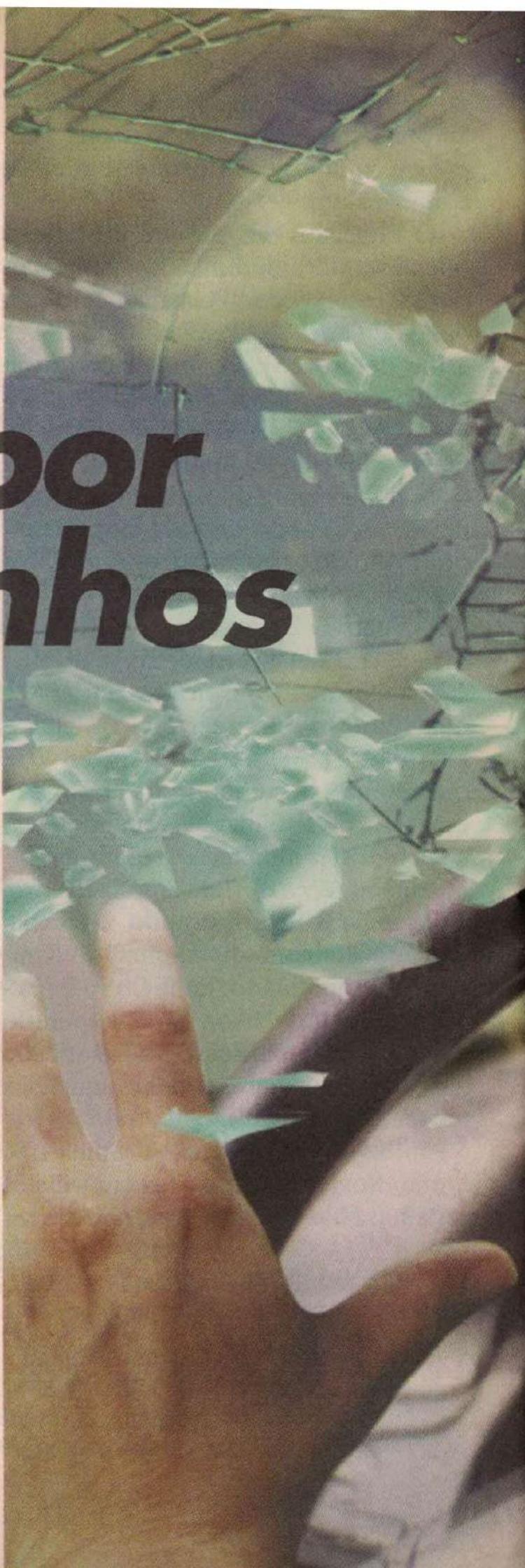
Salva por estranhos

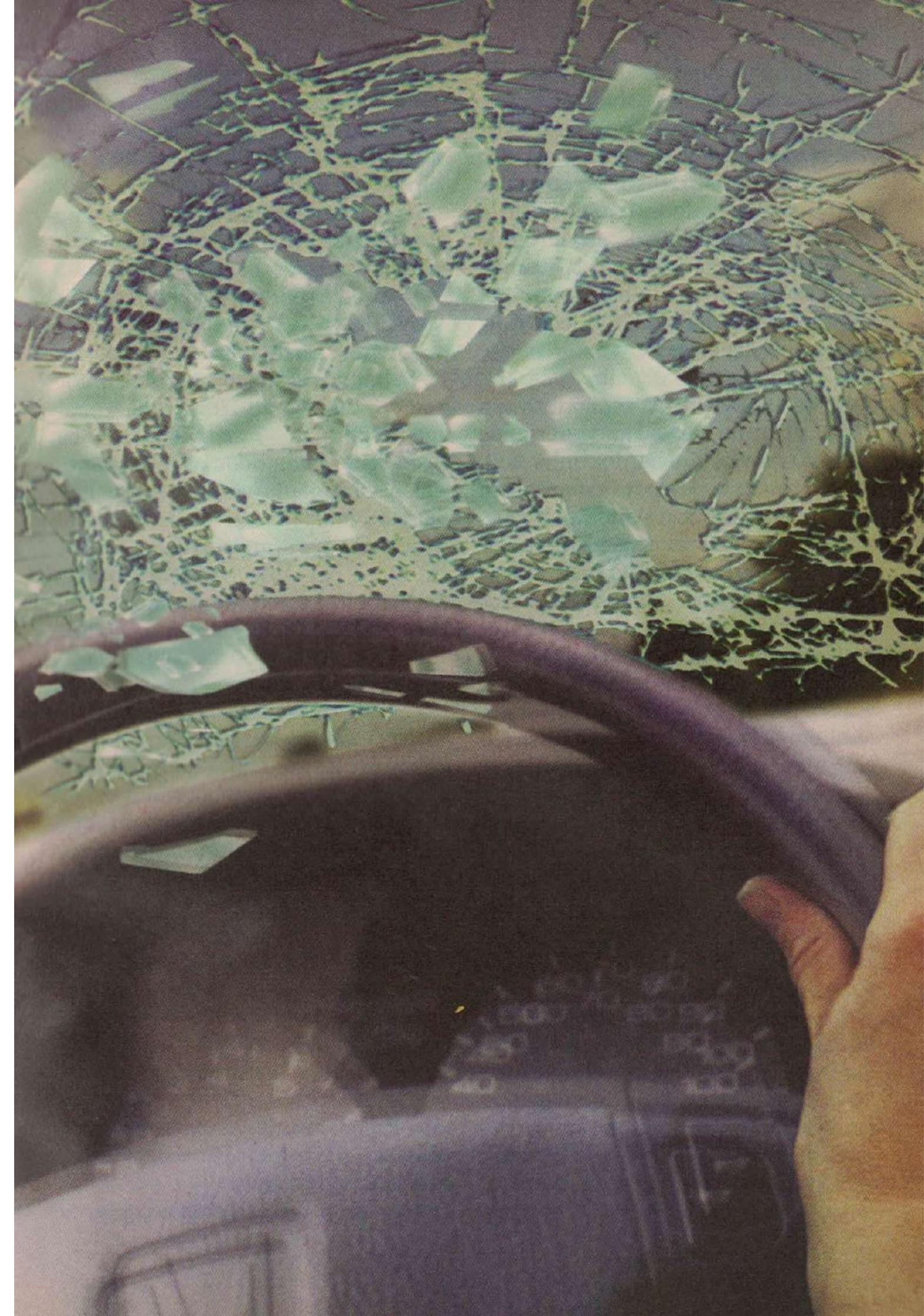
JOHN PEKKANEN

ENQUANTO DIRIGIA o carro para casa, pela rodovia 1604, que contorna San Antonio, Margaret Herring, 35 anos, capitã da Aeronáutica, apreciava a beleza da paisagem do interior do Texas – os raios do sol da tarde refletiam-se nos campos dourados de cereais que se estendiam ao longo da estrada.

Naquela quinta-feira, 11 de maio de 1995, Margaret terminara seu trabalho na Base Aérea de Kelly, onde era chefe do serviço de Educação, e esperava ansiosamente estar em casa com seu marido Mike, de 40 anos, e com seus filhos, Mack, de 4 anos, e Cammie de 2 anos.

Dirigindo a cerca de 70 quilômetros por hora em uma parte reta da estrada, Margaret deu pouca importância a um caminhão que se aproximava na direção oposta. De repente, uma





pedra do tamanho de um melão caiu da carga do caminhão, bateu no chão e quicou bem alto na direção exata de seu Honda azul, modelo 1991. Com o impacto a quase 150 quilômetros por hora, a pedra explodiu o pára-brisa do Honda, e atingiu o lado esquerdo da cabeça de Margaret. Eram 17h06min. O motorista do caminhão, aparentemente não percebendo o ocorrido, continuou sua viagem.

DURANTE todo o ano letivo, a turma da segunda série de Noélia Guajardo vinha economizando para uma viagem ao *Sea World* de San Antonio. Mas os alunos não haviam conseguido arrecadar dinheiro suficiente para alugar um ônibus. Noélia, outros professores e alguns pais decidiram levar as crianças em seus próprios carros. Um amigo de Noélia, Marlon McAllister, massagista e terapeuta de 41 anos, também ofereceu seu carro e foi junto com eles.

A viagem ao *Sea World* foi um sucesso. Na hora de voltar, as três crianças que estavam viajando com Noélia e McAllister pediram para alimentar os golfinhos uma última vez. Finalmente, partiram por volta das 16h45min – muito depois do restante da turma.

O trânsito da hora do *rush* já estava intenso quando Noélia entrou na rodovia, dirigindo-se para o norte logo atrás de um Honda azul. Subitamente, ela viu uma pedra enorme quicar na pista bem à frente do Honda e atingi-lo. O carro parou por um momento. Olhando para o Honda enquanto pas-

sava lentamente, Noélia pensou, a princípio, que a motorista estava bem. Foi então que o Honda desviou para o acostamento e ela viu a mulher que dirigia cair sobre o volante. Percebendo que a mulher fora atingida pela pedra, Guajardo deu marcha a ré, horrorizada.

– Aquela senhora está ferida! – disse Noélia.

– Pare o carro! – gritou McAllister.

Saltando do banco traseiro, ele correu em direção ao Honda, que finalmente parou a 40 metros da estrada. McAllister ficou boquiaberto quando viu o interior do carro tomado pelo sangue. O lado esquerdo do crânio da mulher estava afundado desde o ouvido até a cavidade ocular. O sangue fluía copiosamente do ferimento. Ele tirou sua camiseta, dobrou-a em forma de uma compressa e colocou-a sobre a parte atingida.

JOE CORCORAN, um enfermeiro de 48 anos, estava se dirigindo para a casa de sua noiva em San Antonio. Nos seis anos em que vinham namorando, ele havia ido a San Antonio centenas de vezes, mas nem uma vez sequer usara aquela rodovia. Contudo, sem qualquer razão específica, era esta a estrada que escolhera naquele 11 de maio.

De súbito, uma mulher saiu correndo agitando os braços em frente à sua caminhonete. Corcoran freou de repente.

– Precisamos de ajuda! – implorou Noélia Guajardo. – Uma pessoa está ferida.

Corcoran dirigiu sobre o capim es-

peço até o ponto mais próximo possível do carro de Margaret, e então correu em sua direção.

– Ela está muito ferida? – perguntou a McAllister.

O massagista e terapeuta levantou sua camiseta embebida em sangue do crânio de Margaret. *Meu Deus!* pensou Corcoran. *Posso ver seu cérebro!*

Corcoran foi até o assento do motorista. Com um canivete, cortou o cinto de segurança de Margaret, reclinou seu assento, e a seguir apoiou sua cabeça e pescoço nos braços. Mantendo a cabeça e o pescoço apoiados, ele sabia que poderia evitar um ferimento raquidiano paralisante e ainda manter as vias respiratórias liberadas.

Subitamente, Margaret abriu os olhos.

– Minha cabeça dói muito – murmurou ela.

– Agüente firme – encorajou Corcoran. – Estamos conseguindo ajuda.

Margaret fechou os olhos. Mais uma vez, desmaiou.

Alguns momentos mais tarde, suas costas arquearam-se, e seus braços e pernas começaram a se agitar violentamente. Corcoran sabia que aquilo era uma resposta física ao ferimento cerebral.

– Temos que mantê-la imóvel – disse, segurando sua cabeça e pescoço. McAllister segurou seus braços. A agitação logo parou.

Eles estavam fazendo tudo o que podiam para mantê-la viva, mas Corcoran sabia que aquilo não era suficiente. Há muitos anos, socorrera um jovem seriamente ferido em um ou-

tro acidente automobilístico. Corcoran fez tudo o que pôde, mas a assistência médica não chegou a tempo. Ele segurou o jovem nos braços e viu sua vida escapar lentamente.

Não queria que isso acontecesse de novo. *Temos que levá-la a um hospital rapidamente,* pensou.

MIKE HERRING havia começado o jantar pouco depois das cinco horas. Margaret, em geral, chegava em casa por volta das 17h15min. Ele sabia que ela voltaria na hora de costume. Quinta-feira era o dia em que jogava dardos em um clube local, e Margaret sempre chegava em casa a tempo de cuidar das crianças.

Os dois se conheceram na Coreia, em 1988, quando serviram na Base Aérea de Osan. Casaram-se em outubro daquele ano.

Em setembro de 1993, ao completar 20 anos de serviço, Mike se aposentou. Naquele mesmo mês, Margaret foi destacada para a Base Aérea de Kelly. Mike matriculou-se na Universidade do Texas, em San Antonio, planejando tornar-se um escritor técnico. Tanto para Mike quanto para Margaret a vida estava indo bem.

 DELEGADO Francisco Gonzalez estava dirigindo pela rodovia 1604 quando viu vários carros estacionados no acostamento. Ele estacionou também.

– Uma mulher foi ferida – alguém gritou.

Gonzalez solicitou uma ambulância através do rádio de sua viatura.

Em seguida, caminhou em meio ao capim na direção do carro de Margaret.

– Esta mulher está seriamente ferida – disse Corcoran. – Precisa ser transportada por um helicóptero.

– Meu Deus! – exclamou Gonzalez quando viu o ferimento. – Temos aqui um caso de vida ou morte – vociferou pelo rádio. – Precisamos do socorro aéreo!

Alguns momentos mais tarde, uma ambulância chegou ao local do acidente. O paramédico Conrad Gonzalez examinou Margaret rapidamente. Depois de fazer a ligação solicitando o socorro, que estava de sobreaviso, Conrad se dirigiu aos outros.

– Vamos tirá-la do carro.

Antes de mover Margaret, imobilizou sua cabeça, pescoço e coluna com um colar cervical. Foi então que ela recobrou os sentidos.

– Minha filha. Onde está minha filha? – perguntou Margaret antes de perder os sentidos mais uma vez.

Embora sua fala estivesse desorientada, o paramédico ficou perplexo pois, apesar da gravidade de seu ferimento, ela estava na realidade falando com ele. Em seus 15 anos de assistência a vítimas de acidentes, nunca havia visto um caso como aquele.

Corcoran e McAllister ajudaram a manobrar a maca pela porta do lado do motorista. Quando colocaram Margaret sobre a maca, ela se agitou novamente, sacudindo os braços e as pernas. Eles a contiveram e conduziram-na através da porta do carro. No momento em que a puseram em uma

cama de rodinhas, ouviram o barulho distante do helicóptero do socorro.

Corcoran olhou para Margaret. Ela estava tomando uma coloração azul acinzentada. *Estamos perdendo-a*, pensou.

Conrad Gonzalez apanhou o rádio. “Preparem o Sucs”, disse ele para o paramédico a bordo do helicóptero, Jim Kadric. Succinilcolina era uma droga que paralisaria Margaret temporariamente, para que os paramédicos pudessem colocar um tubo através de sua garganta. Ele iria até os pulmões e possibilitaria a ida de oxigênio até o cérebro.

Às 17h27min, 21 minutos após o acidente, o helicóptero pousou. Jim Kadric e a enfermeira Diana Montez correram em direção à Margaret. Depois que a droga, que tem como base o ácido succínico, foi injetada, Montez segurou a cabeça de Margaret com firmeza e Kadric introduziu o tubo em sua garganta.

À medida que o oxigênio chegava aos pulmões de Margaret, sua cor voltava ao normal. Ela foi então carregada até o helicóptero e levada ao Centro Médico Wilford Hall, o principal hospital da aeronáutica do país.

JOHN SCHNEIDER, um neurocirurgião de 33 anos, estava sentado pacientemente em uma loja de sapatos enquanto sua filha Shannon, de oito meses, se contorcia sem cessar em seus braços. Sua esposa, Michelle, estava experimentando um novo par de sapatos em seu filho, Brandon, de um ano e meio de idade. Às 17h40min seu *bip* soou.

“Temos um sério traumatismo craniano”, disse o mensageiro. “O socorro aéreo tem a chegada prevista para às 17h45min.”

Schneider entregou Shannon para sua esposa.

– Tenho uma emergência – disse.

Schneider fez o percurso de 16 quilômetros, em pleno trânsito da hora do *rush*, em pouco mais de 10 minutos. Na sala de emergência, reconheceu de imediato o uniforme de Margaret. *Um dos nossos*, pensou.

Uma tomografia computadorizada realizada no hospital revelou que dois fragmentos pontiagudos do crânio de Margaret haviam se alojado profundamente no lóbulo temporal esquerdo de seu cérebro. Outra descoberta alarmante: havia um coágulo em seu cérebro. Este coágulo, combinado com a inchação do tecido cerebral ferido, estava cortando o frágil fio que mantinha Margaret viva.

Enquanto ela era conduzida à sala de cirurgia, sua pressão arterial elevou-se. Uma hérnia está se desenvolvendo em direção ao hipotálamo, conscientizou-se Schneider. O hipotálamo é o centro de controle das funções vitais do organismo: pressão arterial, batimentos cardíacos e respiração. Ela poderia morrer em poucos minutos. Foi então que os batimentos cardíacos de Margaret diminuíram. *Não tenho tempo para lavar as mãos*, pensou Schneider, calçando as luvas cirúrgicas. Não havia tempo sequer para fazer uma intervenção cirúrgica no cérebro de Margaret. Ele teria que intervir pelo meio mais rápido possível: através do próprio ferimento.

Bem no fundo do cérebro de Margaret, Schneider localizou o coágulo. Quando ele o removeu, os batimentos cardíacos e a pressão arterial de Margaret lentamente voltaram ao normal.

Com a situação de Margaret estável, Schneider caminhou em direção ao lavatório. *Agora é a hora do verdadeiro desafio*, pensou.

MIKE HERRING estava ficando impaciente. Eram seis horas da tarde e Margaret estava atrasada. Assim que terminou o jantar, o telefone tocou. Era Joe Corcoran.

– Eu parei na 1604 para ajudar em um acidente de carro. A mulher estava usando um uniforme militar e dirigia um Honda azul. Seu nome era Margaret Herring. Alguém lhe falou sobre isso?

– Não – disse Mike com voz angustiada. – Ela está ferida? É muito grave?

– Pode ter sido grave. Acho que a levaram para o Wilford Hall.

– Oh, Deus! – suspirou Mike.

Depois de deixar Cammie e Mack com um vizinho, Mike saiu dirigindo rapidamente pela 1604 em direção ao hospital. Menos de dez minutos após sair de casa, viu o Honda de Margaret ao lado da estrada. Ele parou e correu em sua direção, olhando rapidamente para o pára-brisa quebrado e o interior todo sujo de sangue. Logo a seguir, viu os óculos quebrados de Margaret no banco dianteiro. Um calafrio percorreu-lhe o corpo.

De volta a seu carro, Mike saiu em disparada para o Wilford Hall. Um

pensamento ecoava em sua mente:
Não posso perder Margaret.

O LADO ESQUERDO do crânio de Margaret Herring parecia uma batatinha frita esmagada por um martelo. Fragmentos ósseos, areia e sujeira cobriam o ferimento. No centro, havia um buraco com um diâmetro superior a 7 centímetros que dava passagem para o cérebro.

O que mais preocupava o doutor Schneider, entretanto, era o lóbulo temporal esquerdo. Além dos dois fragmentos de crânio alojados ali, uma área escurecida do tamanho de uma ameixa havia sido destruída. Aquela área era responsável principalmente pela linguagem, reconhecimento facial e memória.

Com movimentos muito delicados, Schneider ampliou a cavidade no crânio de Margaret. Ele retirava com cuidado fragmentos ósseos e a sujeira ali acumulada, e cortava as partes destruídas do tecido cerebral. Estremeceu ao constatar o dano no cérebro de Margaret. *Talvez ela nunca mais consiga falar*, pensou.

Schneider recolheu mais de 50 fragmentos de osso. No entanto, apenas 22 deles eram suficientemente grandes para serem usados na reconstrução do crânio de Margaret.

O OSSO ORBITAL do olho esquerdo fora destruído por completo. Não conseguia encontrar fragmentos adequados para reconstruir a cavidade ocular, por isto, decidiu retirar um fragmento do crânio, o que provou ser uma boa alternativa.

Como se estivesse montando um quebra-cabeça, Schneider encaixava fragmentos de osso nas aberturas irregulares do crânio de Margaret. Uma vez no lugar correto, fixava uns aos outros com parafusos e placas de titânio. Não havia fragmentos suficientes para cobrir toda a cavidade do crânio, e ele resolveu, então, usar um instrumento semelhante a um cinzel nas áreas intactas do crânio de Margaret. Conseguiu, assim, retirar pequenos segmentos de osso. Podia fazer aquilo com segurança porque o crânio tem duas superfícies rígidas, com uma camada mais macia no meio. Removia os segmentos ósseos apenas da camada externa. De pedaço em pedaço, fechou as últimas aberturas existentes no crânio de Margaret.

Seis horas após o início da cirurgia, à uma hora da manhã, ela foi levada para a unidade de tratamento intensivo. Alguns minutos mais tarde, Schneider encontrou Mike Herring na sala de espera.

– Conseguimos reconstruir o crânio de Margaret – disse o cirurgião. – Porém, ela sofreu séria lesão no cérebro.

– E o que vai acontecer? – perguntou Mike.

– Só o tempo vai dizer.

Para Mike, o fato de Margaret estar viva já era milagre suficiente. Ele agradeceu a Schneider e, em seguida, foi até a UTI. Inclinando-se sobre o leito de sua esposa, Mike gentilmente afagou-lhe a mão. “Eu a amo”, disse. Margaret não demonstrou qualquer sinal de reconhecimento. “Por favor, volte para mim, Margaret”, implorou Mike.

NA SEXTA-FEIRA, um dia após o acidente, Margaret se moveu pela primeira vez. O doutor Schneider a observava com atenção. Seria ela capaz de mover os braços e as pernas? Quando ela o fez, o neurocirurgião suspirou aliviado.

Mas a alegria que ele e os outros sentiram foi sufocada pela emergente possibilidade de irreversível dano no cérebro. Uma pergunta atormentava Mike enquanto ele fazia vigília ao lado da cama da esposa. Margaret ainda será Margaret?

No sábado ela deu sinais de que estava tentando se comunicar. “Você quer alguma coisa para escrever?” perguntou Mike. Margaret piscou os olhos.

Mike arranjou uma prancheta e deu-lhe uma caneta. As letras saíram tremidas, mas a mensagem era clara: “Onde estão mamãe e papai?”

Lágrimas de alívio inundaram os olhos de Mike. “Eles saíram para almoçar”, disse. “Estarão de volta em poucos minutos.”



Margaret Herring hoje

Margaret piscou novamente, e Mike segurou a prancheta para ela. “Você não me vai dar um beijo?”, ela escreveu. Mike sentiu uma onda de alegria quando se inclinou para beijar a esposa.

NO FINAL DE AGOSTO, menos de quatro meses após o acidente, Margaret

Herring reassumiu suas obrigações de horário integral na Base Aérea de Kelly. Sua recuperação assombrou os médicos.

Mesmo assim, Margaret ainda não conseguia se lembrar de detalhes do acidente. Quanto mais ouvia falar sobre ele, contudo, mais apreciava a habilidade e a coragem dos estranhos que a ajudaram.

“Algo terrível aconteceu com você naquele dia”, disse-lhe o doutor Schneider. Pensou então sobre as pessoas treinadas que, por extraordinária coincidência, estavam passando por aquela estrada e pararam para ajudar. “Mas algo milagroso também aconteceu.”



Final de show

Nosso trio musical foi contratado para uma exibição na noite de segunda-feira em um lugar que costuma ser agitado nos fins de semana. O show estava indo bem, mas lá pelas 21h as pessoas começaram a sair, pois precisavam trabalhar no dia seguinte. Logo, havia apenas duas pessoas no clube inteiro, e eu não conseguia entender por que os outros dois membros da banda estavam rindo. Ergui então os olhos voltados para a minha guitarra e prestei atenção no casal na platéia. Estavam se comunicando com linguagem de sinais.

John Michaels em *The Performing Songwriter*